
IMPrensa: FONTE DE PESQUISA E MEDIAÇÃO NO ENSINO DA HISTÓRIA ESCOLAR

Ana Cláudia Pacheco de Andrade
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
micaupacheco@gmail.com

A história da imprensa encontra-se articulada ao desenvolvimento das sociedades. Nisto, o jornal surge como elemento que nos dias atuais, mesmo com todo o avanço tecnológico, estabelece um vínculo importante com o estado, a organização social, a economia e o processo cultural de cada nação, em épocas específicas, o que demonstra a possibilidade da imprensa em apresentar um universo, uma espécie de arquivo do dia a dia, certo testemunhar do cotidiano. Isto por sua vez, permite admitir o jornal como fonte de informação, não só para a compreensão de momentos históricos, mas também, como documento que serve de suporte para o registro do conhecimento e do ensino de História.

A imprensa como representação de realidades constrói um dizer social, o que significa compreender que, está sempre sintonizada com os eventos que ocorrem na sociedade e, por isso expressa modos de narrá-los presentes no discurso jornalístico. Isso se dá através de um conjunto de técnicas para organizar distintas falas cotidianas, sendo possível observar uma preocupação com a capacidade do cidadão em apreender assuntos os mais diversos, bem como avaliar criticamente as notícias.

Reconhecendo a imprensa como importante força política, ora utilizada, ora temida por governos e poderosos, é correto afirmar que a ela cumpre registrar, comentar e participar da vida cotidiana dos indivíduos, onde a narrativa por ela produzida encontra-se conectada a uma dimensão temporal, onde diversas experiências humanas são tecidas. É impossível ter uma visão histórica sem um exercício de reflexão sobre a temporalidade ou mesmo sobre as relações sociais, impossível também não construir narrativas e interpretações de mundo. Neste sentido, a imprensa, através da atividade jornalística, explora o tempo, o qual está articulado ao todo social, distintas visões de mundo, as quais por sua vez são re-interpretações da História conforme um olhar que se volta para o passado (ou lança-se ao futuro?). Ao voltar-se para o passado, a imprensa permite uma

nova leitura de determinados acontecimentos a fim de recuperar versões daquilo que se pretende historiar; nesse momento encontramos uma abertura para o diálogo entre Imprensa e História, posicionando o Jornalismo como mediador na prática pedagógica do ensino da História escolar.

De acordo com Melo (2003), o jornalismo deixou de ser simples ofício para se transformar em um tipo de conhecimento socialmente útil, o que significa dizer que baseado em observação sistemática, converteu-se em uma reflexão crítica de “produtores qualificados”. Prossegue o autor destacando:

(...) a imprensa e o jornalismo continuariam a despertar o interesse dos pesquisadores das humanidades (história e direito), assim como daqueles pioneiros das ciências sociais no Brasil. Gilberto Freyre, por exemplo, recorre à imprensa para elaborar um retrato da sociedade patriarcal brasileira, buscando nos anúncios de jornais elementos suscetíveis de interpretação sociológica e antropológica. Seu livro de estréia – *Casa Grande & Senzala* (1933) – representa uma inovação metodológica, ao pesquisar em fontes heterodoxas. Ao mesmo tempo, abre picadas para os estudiosos do jornalismo, descortinando as metodologias comparativas. (MELO: 2003, p. 23).

Considerando o pensamento de Melo, observa-se que a relação entre Imprensa e História se dá mediante a produção da humanidade no tempo e no espaço, o que possibilita apresentar sempre novos discursos passíveis de investigação e propensos à interrogação sobre o conhecimento. A História tem como papel não apenas recuperar o passado, mas, além disso, interpretá-lo, tendo como base, informações vindas até o presente. Deste modo, através de determinadas mensagens, busca-se compreender as teias de significação produzidas pelo passado, as quais indicam vestígios que servem de documento e podem ser explorados tanto pelo historiador, como pelo jornalista.

No entender de Melo (2007) no prefácio do livro “História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000”, a História e a história da imprensa possuem um mesmo movimento no que se refere à escrita. Segundo ele, é necessário observar a História como um processo complexo, o qual engloba relações sociais, culturais, falas e silenciamentos, cabendo “ao historiador perguntar pelos silêncios e identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política” (MELO, 2007: p. 15). A isto acrescentamos que a imprensa contribui

então para a disseminação de ideias através de conteúdos publicados nos jornais, os quais possibilitam inúmeras descrições de fatos reveladores de uma dada realidade social que sinaliza para uma história do presente.

De acordo com Rioux (1999), a chamada “história do presente” só foi possível ser firmada na França em razão do diálogo provocador e frutífero entre historiadores e jornalistas, diálogo este que o autor entende ser essencial e precisar de encorajamento, visto que:

(...) a história tomou emprestado e interiorizou, mais do que se diz, algumas boas receitas da imprensa. Na escolha de seus temas, impelida pela atualidade e submetida à pressão das testemunhas e dos atores que desejam que sua experiência seja rememorada numa produção ou numa co-produção históricas. Em suas práticas de pesquisa de campo e no uso do gravador. No estilo conciso de sua escrita e na cor, por vezes, mais cambiante de seu relato. Em suma, em seu contacto permanente com a exigência dos vivos e a impetuosidade do atual. (RIOUX: 1999, p. 125).

Pode-se inferir que o encontro entre História e Jornalismo se faz necessário, como acentua Rioux (1999), por possibilitar uma articulação de narrativas e dar um caráter renovador na escrita dos fenômenos que fazem parte da vida cotidiana, favorecendo de certo modo uma nova compreensão da realidade e reforçando a necessidade de reinterpretar os fatos. Nesta perspectiva, cabe refletir sobre o modo como os jornais narram a História e ao narrar também fazem parte da História, favorecendo pensar sobre uma noção de tempo com destaque para acontecimentos considerados mais relevantes, capazes de marcar a vida dos indivíduos e da sociedade.

Ao tecer tal consideração merece indagar como um acontecimento da narrativa jornalística pode servir de fonte para a História. É impossível ter uma visão histórica, sem refletir sobre a temporalidade ou mesmo sobre as relações sociais, narrativas e interpretações dos fatos. A esse respeito o jornalismo evoca para si um tempo em que distintas visões de mundo estão articuladas ao todo social, as quais reinterpretam sinais encontrados pela História, a partir de um olhar que pode ser lançado ao passado. Os vestígios desse passado nos permite interpretar os acontecimentos, empreender uma análise sobre a realidade e buscar nas mensagens, por elas produzidas, novos sentidos do que se

pretende historiar. Encontramos, assim, diferentes maneiras de utilizar o Jornalismo como fonte para os estudos históricos.

Reconhecendo o jornalismo como atividade que representa a vida ao expor ações desenvolvidas por distintos indivíduos, vê-se as condições de relatar dramas humanos, o que faz desta atividade um registro de nossa existência, a qual por sua vez, apóia-se no tempo e na cultura, onde são registradas nossas angústias, sucessos, derrotas, lutas e conquistas. Recorrendo a Luca (2006), pode-se afirmar que no Brasil, já na década de setenta, reconhecia-se a importância dos impressos, porém “relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História da imprensa por meio da imprensa” (LUCA: 2006, p. 111), o que permite sinalizar uma resistência em compreender o jornal como fonte para a História.

Seguindo o raciocínio de LUCA (2006), vários motivos podem explicar essa situação, entre elas a tradição que dominou o século XIX e início das décadas do século seguinte, que associavam, ao ideal da busca da verdade dos fatos, fontes baseadas nos princípios de objetividade, neutralidade e fidedignidade, portanto “distanciadas do seu próprio tempo”. De acordo com esta compreensão, o jornalismo pareceu um instrumento pouco ou nada adequado para dizer do passado, visto que seus registros fragmentados do tempo presente forneciam uma imagem de acontecimentos considerados carregados de subjetividade, parcialidade e distorções.

A esse respeito, pode-se afirmar que, se o Jornalismo inicialmente foi desacreditado como fonte, devido ao desprezo que profissionais conferiram à imprensa, posteriormente, através de estudos que, de modo pioneiro, basearam-se em análises dos múltiplos aspectos da vida social e política, gozou de uma nova dimensão, no tocante a seu uso como fonte de informação. Curiosamente a partir daí, torna-se, também ele, um objeto de pesquisa histórica, com o qual Capelato (1980), desenvolveu um estudo que legitima essa perspectiva:

Os estudos históricos no Brasil têm dado pouca importância à imprensa como objeto de investigação, utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação. A presente pesquisa ensaia uma nova direção ao instituir o jornal O Estado de São Paulo como fonte única de investigação e análise crítica. A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui,

aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO: 1980, p. 19).

Constata-se assim que os periódicos começam a ser estudados pela participação que apresentam na vida política do país, acentuando a riqueza e relevância desse corpo documental. A imprensa passa a ser reconhecida como fonte privilegiada de conhecimento, da qual se derivam temas para melhor compreender o funcionamento da sociedade e suas transformações. A partir daí, inferimos que revelar aspectos da realidade, não pesquisados por outras áreas do conhecimento, coloca o jornalismo em uma posição e privilegiada em termos de importância para o desenvolvimento da sociedade.

À medida que avançamos com exemplos que tomam o Jornalismo fonte privilegiada de informação, validamos a sua importância para a compreensão das representações sociais, seja por meio de revistas, publicidade, imagens fotográficas ou anúncios, atestados por pesquisas historiográficas de grande expressão nacional.

Retomando a Luca (2006), a autora destaca a variedade da fonte Imprensa, bem como a sua amplitude de pesquisa. Nisto importa ressaltar que o Jornalismo não deve ser considerado a fonte exclusiva de análise da realidade, mas fonte pertinente para fornecer uma interlocução entre o homem e seu tempo, na condição de inquiri-lo. Para a autora:

As considerações apontam, portanto, para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve **a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delinea uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente.**” (LUCA: 2006, p.141). Grifos da autora.

Por isso esse raciocínio pode-se afirmar que, entre a narrativa jornalística e a narrativa histórica há um discurso que se refere sempre ao presente, ao momento atual, àquilo que é provisório; e isto confere uma singularidade à narrativa jornalística, ou seja, uma narração contínua da história do presente imediato, consideração que direciona nosso pensamento para a compreensão de que o Jornalismo e suas narrativas estão no bojo do nosso presente histórico.

Entendendo que as notícias correspondem a partes de histórias, fragmentos de experiências humanas narradas diariamente nos jornais, as quais desenham as contradições do existir humano, paixões e conflitos, é preciso que haja um leitor para conectar essas partes fragmentadas e tecer uma relação com o tempo baseado em uma negociação de sentidos, ou seja, é necessário uma análise crítica sobre os acontecimentos registrados através da imprensa para que ocorra a compreensão significativa da realidade. É neste ponto que acentuamos mais uma vez a relevância em estabelecer um diálogo profícuo entre história e imprensa.

Por sua vez, o ensino de História sintonizado com o seu tempo, deve preparar o educando para ler o seu entorno social, pois que os impactos das novas tecnologias também recaem sobre o ensino, o que por sua vez obriga a busca por novos caminhos do conhecimento, imprescindível para desenvolver autonomia e criticidade intelectual. Na formação de sujeitos críticos, destacamos o uso do jornal em sala de aula como recurso pedagógico que trata de um presente histórico. Segundo Nora (1900), a história contemporânea possui um lugar central que respira e pulsa, este não está nos arquivos silenciosos e sim nas salas de redação e em conferências realizadas pela imprensa, espaço chamado pelo autor de coração da história; isso posiciona o jornalista como um historiador da atualidade, isto é, centrado no presente histórico.

Acreditando que todo aluno testemunha sua própria época, visto possuir um cotidiano e participar dos acontecimentos divulgados pelos meios de comunicação, entendemos o uso do jornal na sala de aula como um sinalizador de uma nova maneira de pensar e agir vinculada à realidade social diante das informações fornecidas. Enquanto ferramenta pedagógica, o jornal atua como elemento motivador mostrando-se muitas vezes mais produtivo que o livro didático, por oferecer outro caminho que auxilia na construção da cidadania; ao mesmo tempo permite informações pertinentes à realidade social do educando. Por oferecer ao aluno um contato com diversos gêneros jornalísticos, a saber, notícias, reportagens, crônicas, editoriais, desenhos, charges e entrevistas, oportunizam o acesso a informações através de diferentes linguagens como o texto, a fotografia, gráficos,

linguagens estas que servem de base para a construção do pensamento crítico sobre aquilo que o aluno lê, condição essencial para o exercício cidadão.

Faria em “Como usar o jornal em sala de aula” (2003), defende que o jornal atua como mediador entre escola e mundo, ou seja, é “uma fonte primária de valores tornando-se então instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e profissional” (FARIA: 2003, p. 11). Em decorrência desse uso pedagógico do jornal, pode-se observar como resultado uma leitura reflexiva, acrescido de esclarecimentos sobre a realidade dos diversos problemas sociais, como o desenvolvimento do raciocínio, potencialização da capacidade de questionamento e conhecimento de questões culturais. Importante é que todos esses elementos relacionados podem contribuir para uma problematização de distintas situações em que os alunos estão expostos, a exemplo da violência, miséria, assédio, exposição a situações de risco, entre outras.

Ao oferecer uma visão atualizada da sociedade através da divulgação de determinadas ideologias, o uso do jornal revela uma natureza interdisciplinar, pois expõe o jogo de interesses que permeia a sociedade ao passo que propicia a construção de valores e conceitos. Tal oportunidade poderá contribuir na interpretação de temas do cotidiano social, uma vez que o jornal possibilita articular temas que são tratados em sala de aula com o mundo concreto, além de fortalecer a importância da democratização da comunicação como forma de inclusão.

Deste modo, o uso do jornal reflete valores como ética, concepções de cidadania, questões de gênero entre outros, o que se dá através da exploração de temas relevantes, os quais permitem que o aluno se veja como um ator social, ou seja, consiga enxergar sua própria participação na sociedade. Colabora ainda para atender à proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), uma vez que os temas abordados propiciam desenvolver temas transversais. De acordo com a proposta dos PCN's, a orientação didática engloba atividades que envolvam “estudos sobre a história das ciências e dos meios de comunicação: história da escrita, dos números, dos calendários, da cartografia, da pintura, da fotografia, do cinema, do jornal, do rádio, da televisão.” (PCN's: 1997, p. 81).

Para além desses aspectos, o documento ressalta que “valorizar trabalhos de leitura crítica significa optar por aprendizagens qualitativas e não simplesmente quantitativa que visam, por exemplo, apenas o acesso à informação histórica de caráter cumulativo” (PCN’s: 1997, p. 83). Neste sentido o uso do jornal como fonte de estudo significa outra perspectiva de pensar a organização da vida coletiva e seus acontecimentos singulares a partir das complexidades do real e do processo histórico.

Ana Maria Cocentino Ramos pesquisadora do tema e autora de “Virando a página - O jornal na sala de aula” (2006), em entrevista realizada pela ANJ (Associação Nacional de Jornais), ao ser questionada sobre as vantagens do uso do jornal em sala de aula declara que:

[...] ANJ - Após essa pesquisa quais as principais vantagens que você percebeu no uso do jornal na sala de aula ou em ambientes educativos?

Ana Maria - Percebo que, apesar das dificuldades enfrentadas pela escola, está se desenvolvendo em diversos países, um grande esforço na tentativa de disponibilizar aos alunos ferramentas capazes de atribuírem significado à gama de informações proveniente do acelerado desenvolvimento da tecnologia. Dessa forma, através do jornal, a escola vem colocando o aluno em contato com o cotidiano, integrando-o ao processo de compreensão da realidade. A introdução dos diários na escola vem incorporando novos gostos de leitura, elegendo conteúdos que tratam das questões sociais do momento histórico, ao mesmo tempo em que promove a interação dos saberes e, assim, atualiza o debate, promove a reflexão. Dentre outras vantagens, relacionamos a possibilidade de leitura partilhada do jornal entre estudantes (e professores) de diferentes camadas sociais, nas quais se incluem as que jamais tiveram acesso à informação. (RAMOS, in. ANJ, S. D.).

Diante da afirmação da entrevistada, mais uma vez tem-se a compreensão de que o uso da mídia impressa no ensino de História promove uma formação do aluno em distintas situações de aprendizagem, confrontando-o com a realidade e apresentando novos caminhos para compreendê-la. Enquanto recurso para o desenvolvimento do currículo, vale salientar que o uso do jornal em sala de aula permite explorar todas as áreas do conhecimento, Língua Portuguesa, Matemática, Estudos Sociais e Ciências, podendo favorecer também para o exercício de uma escrita clara e precisa. No processo de informar e despertar o desejo por novas informações é preciso reconhecer que professor historiador deve ter o cuidado de promover adaptações e complementar conteúdos; para tanto, deverá usar a sua criatividade sem, contudo, esquecer de respeitar o contexto social a que o aluno

pertence, a fim de fazer do uso do jornal uma fonte de pesquisa, a qual se alimenta de notícias que devem ser discutidas criticamente, sabendo-se da importância dessa leitura para a manutenção de uma sociedade democrática.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- CABRINI, Conceição. (org.). *O ensino de História: (revisão urgente)*, ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUC, 2000.
- FARIA, Maria Alice. *O Jornal na sala de aula*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- FARIA, Maria Alice. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História & ensino de História*. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.
- MELO, José Marques de. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2003.
- RAMOS, Ana Maria Cocentino. *Virando a página: o jornal na sala de aula*. Natal, RN: Editora da UFRN, 2006.
- RAMOS, Ana Maria Cocentino. *Entrevista concedida à ANJ*. Disponível em: <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/resenhas/livro-mostra-vantagens-do-jornal-na-formacao-de-leitores-criticos-da-realidade/> Acesso em: 07 out. 2010.
- CAPELATO, Maria Helena e PRADO Maria Ligia. *O bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- CHAPARRO, M. C. *Pragmática do jornalismo*. São Paulo: Summus, 1994.
- LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In Fontes históricas. Carla Bassanezi Pinsky (org). 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LeGOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- LeGOFF, Jacques; NORA, Pierre. *Documento/Monumento*. In: ROMANO, Ruggiero (org.). Enciclopédia Einaudi. Porto,PT: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, v. 1.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Jornalismo e configuração narrativa da história do presente*. In: Revista eletrônica e-compós, 1 ed. dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/8/9>. Acesso em: 25 mai. 2010.

-
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *O jornal: da forma ao sentido*. 2 ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- NORA, Pierre. *Presente*. in: J. Le Goff, R. Chartier e J. Revel, *La nueva história*. Bilbao: Mensajero, 1990.
- REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994, Tomo I.
- RIOUX, Jean-Pierre. *Entre história e jornalismo*. In: CHAUVEAU, Agnes. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: 1999.
- SILVA, Giani David. *A polifonia como estratégia argumentativa na construção da informação televisiva*. Anais do VI Congresso de Letras: Linguagem e Cultura: Múltiplos Olhares, 2007. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec03/article/viewFile/288/364>.
- SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- TRAQUINA, Nelson. *A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis, PR: Insular, 2005